

## NEM TODAS AS PESSOAS PODEM: VIOLÊNCIA E PODER NO CONTO “PAI CONTRA MÃE”, DE MACHADO DE ASSIS



## NOT ALL PEOPLE CAN: VIOLENCE AND POWER IN THE SHORT STORY “PAI CONTRA MÃE”, BY MACHADO DE ASSIS

Vanessa Lara de Souza Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo geral a investigação de como se estabelecem as relações de “poder” e “violência” no conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, entre as personagens Cândido e Arminda. À luz de teóricos (FOUCAULT, 1979; ARENDT, 2004; BOURDIEAU, 2012; HAN, 2017; GOMES, 2021), assume-se que “poder” e “violência” são conceitos relacionados. Como objetivos específicos, estabeleceram-se os seguintes: i) Analisar como as palavras do campo semântico “natural” trazem o que é culturalmente construído e, por isso, normalizado; ii) Observar como se constrói a microfísica da violência no conto e ii) Verificar como o “poder” se estabelece na relação entre as personagens Cândido Neves e Arminda, destacando os motivos pelos quais Cândido, ao final do conto, diz a seguinte frase: “Nem todas as crianças vingam”. Para isso, foi analisado o conto de Machado de Assis através de teóricos a fim de abordar como o “poder” circula entre as personagens e como a microfísica da violência se faz presente. Com essa análise, pretende-se contribuir com as discussões a respeito de “poder” e “violência” em um texto machadiano. Este trabalho demonstrou que, no conto, o que é dito como “natural” é, na verdade, naturalizado pelas instâncias de poder vigentes, além disso, a personagem Arminda sofre não só a “violência” física, como também a simbólica, já que o “poder” está nas mãos da personagem Cândido.

**Palavras-chave:** Poder; Violência; Cândido; Arminda; Machado de Assis.

**Abstract:** The general objective of this work is to investigate how relations of “power” and “violence” are established in the short story “Father against Mother”, by Machado de Assis, between the characters Cândido and Arminda. In the light of theorists (FOUCAULT, 1979; ARENDT, 2004; BOURDIEAU, 2012; HAN, 2017; GOMES, 2021), it is assumed that “power” and “violence” are related concepts. The following were established as specific objectives: i) Analyze how words from the “natural” semantic field convey what is culturally constructed and, therefore, normalized; ii) Observe how the microphysics of violence is constructed in the story and ii) Verify how “power” is established in the relationship between the characters Cândido Neves and Arminda, highlighting the reasons why

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4696496779798498>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2985-3974>, E-mail: [vanessalarasantos@gmail.com](mailto:vanessalarasantos@gmail.com)

Cândido, at the end of the story, says the following sentence: “Nor all children succeed.” To this end, Machado de Assis’s short story was analyzed in the light of theorists to address how “power” circulates between the characters and how the microphysics of violence is present. With this analysis, we intend to contribute to discussions about “power” and “violence” in a Machado text. This work demonstrated that, in the story, what is said to be “natural” is, in fact, naturalized by the current instances of power. Furthermore, the character Arminda suffers not only physical “violence”, but also symbolic violence, since “power” is in the hands of the character Cândido.

**Keywords:** Power; Violence; Cândido; Arminda; Machado de Assis.

## Introdução

Neste trabalho, temos como objetivo geral investigar como se estabelecem as relações de “poder” e “violência” no conto intitulado “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. Num cenário escravagista, de um lado, temos o pai, Cândido Neves, homem liberto, e, por outro lado, temos a mãe, Arminda, mulher escravizada.

A personagem Cândido Neves tinha como ofício procurar escravos fugidos, em troca de gratificação financeira. Um dia, conhece a personagem Clara por quem se apaixona. Os dois se casam e pretendem ter filhos. Passam a morar juntos Cândido, Clara e a tia dessa, Mônica. Logo, tiveram a notícia de que teriam um filho. Apesar de ser um ofício que lhe gerava lucros – o de procurar escravos fugidos –, com o passar do tempo, foi se tornando um ofício para muitos e a concorrência aumentou, provocando muitas dívidas na casa de Cândido. Com muitas dívidas, Cândido decide entregar o filho à adoção e, próximo de chegar ao local, avista uma mulher escravizada fugida que havia visto nos anúncios. Grávida, a escravizada suplica para que ele não a entregue, já que poderia perder o filho. Entretanto, Cândido a entrega, recebe a gratificação e consegue ficar com seu filho. Ao final, ele diz: “Nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 1904, p. 11).

A partir disso, pretendemos alcançar os seguintes objetivos específicos: i) Analisar como as palavras do campo semântico “natural” trazem o que é culturalmente construído e, por isso, normalizado; ii) Observar como se constrói a microfísica da violência no conto e ii) Verificar como o “poder” se estabelece na relação entre as personagens Cândido Neves e Arminda, destacando os motivos pelos quais Cândido, ao final do conto, diz: “Nem todas as crianças vingam”. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico os autores Arendt (2004), Bourdieu (2012), Foucault (1979), Gomes (2021) e Han (2017) a fim de discutir “poder” e “violência” na análise do conto. Dessa forma, esta pesquisa se justifica por trazer a perspectiva de “poder” e “violência” em um

conto machadiano. Não só as relações de poder, como também os tipos de violências sofridos pela personagem principal, Arminda.

Este artigo se organiza da seguinte forma: i) Discutiremos sobre *poder* e *violência* à luz dos teóricos; ii) Analisaremos o “natural” e o “naturalizado” no conto; iii) Observaremos a microfísica da violência no conto; iv) Verificaremos as relações de poder entre as personagens principais Cândido e Arminda e v) Elucidaremos as considerações finais.

### **Sobre “poder” e “violência”**

Os conceitos de “poder” e de “violência” são, comumente, associados. Entretanto, é preciso entender como estes conceitos se caracterizam e se relacionam. Nesta seção, pretendemos elucidar uma breve discussão sobre “poder” e “violência”, por meio dos autores Arendt (2004), Foucault (1979) e Han (2017).

De acordo com Foucault (1979), o “poder” não é algo que se tem, mas algo que circula entre as pessoas, por meio de suas relações. Segundo o autor: “[...] o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana.” (FOUCAULT, 1979, p. 66). Seria, portanto, algo que circula entre as pessoas e, por consequência, está presente em suas atitudes e seus discursos.

Endossando isto, trazemos o que Arendt (2004), baseada em Foucault, nos diz sobre o “poder” ser uma habilidade humana que não pertence a um indivíduo em si, mas sim a um grupo. Concernente Arendt (2004, p. 27):

O “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder Jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está “no poder” estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder (potestas in populo, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, “o seu poder” também desaparece (ARENDRT, 2004, p. 27).

Dessa forma, o “poder” circularia entre um grupo, enquanto o indivíduo permanecer nesse grupo. Lembremos, ainda, da distinção feita pela autora entre

“poder”, “força” e “violência”. O “poder” seria um instrumento de dominação que circula entre grupos, além de ser diferente da “força” e da “violência”. Assim, a “força”, comumente associada à violência, refere-se à “energia liberada através de movimentos físicos ou sociais” (ARENDR, 2004, p. 28). Seria, portanto, a energia utilizada para machucar algo ou alguém.

Enfim, no que tange à “violência”, essa seria instrumental, e não a essência de algo. Procura, assim, justificativas para atender seus fins. É bom lembrar que a “violência” só tem utilidade quando acompanhada do “poder”. De acordo com Arendt (2004):

Quando as ordens já não são obedecidas, os instrumentos da violência não são de utilidade alguma; e esta obediência não é decidida pela relação autoridade/obediência, mas pela opinião pública, e, é claro, pelo número de pessoas que compartilham dela. Tudo depende do poder por detrás da violência (ARENDR, 2004, p. 30).

Diante disso, observamos que de nada vale a violência sem o “poder” de quem a utiliza. Isso porque é investido de “poder” que a violência é legitimada e justificada.

Outrossim, Han (2017) nos traz o que seria a microfísica desta violência. Para tanto, recorre à microfísica do poder de Foucault. Nessa, vale mais o “poder” disciplinar e o biopoder em detrimento do “poder” de morte do soberano. De acordo com Han (2017), o “poder” do soberano seria caracterizado pelo poder matar alguém, enquanto o “poder” disciplinar seria o poder de ter domínio sobre a vida de alguém. Entretanto, conforme Han (2017), Foucault, quando trata de “violência”, foca na violência sangrenta das guerras às quais, antigamente, justificavam-se em nome de um soberano, mas, atualmente, justifica-se em nome de todos. É preciso se utilizar da violência em nome de todos. Dessa maneira, a microfísica da violência seria, portanto, usar da violência respaldada por uma justificativa utilizada para favorecer sobretudo a classe dominante.

A seguir, traremos uma análise sobre o “natural” e o “naturalizado” no conto “Pai contra mãe”, apresentando o que é normalizado para favorecer, é claro, a classe dominante.

### **Uma análise do “natural” x “naturalizado”**

Nesta seção, traremos algumas discussões a respeito do que é dito como *natural*, mas, na verdade, seria “naturalizado” e “normalizado” no conto “Pai contra mãe”, de

Machado de Assis. Para isso, trazemos aqui algumas definições dadas pelo Dicionário Aulete Digital sobre a palavra “natural”. São estas: “Ref. à natureza ou próprio dela; Em que não há intervenção humana; Nascido, originário de um determinado local; De acordo com o esperado.” (AULETE, 2023). Partindo desses conceitos, observamos, no conto, que aquilo que é qualificado como “natural” não diz respeito, propriamente, a produtos da natureza, mas sim a produtos dos homens e, sobretudo, das instâncias vigentes de poder, o que observaremos com os fragmentos do conto.

O conto “Pai contra mãe” traz, em seu contexto espacial e histórico, a escravidão. Logo no início, há uma descrição dos instrumentos e ofícios os quais o sistema escravagista manifestou. A seguir, podemos observar o trecho:

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-deflandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel (ASSIS, 1904, p. 1).

Nesta descrição, podemos verificar que, com a escravidão, surgiram ofícios e aparelhos de tortura como a máscara descrita pelo narrador machadiano. Destacamos aqui o campo semântico da locução verbal e do verbo, respectivamente, “fazia perder” e “perdiam” utilizados para descrever o que a máscara de folha-de-flandres causava nos escravizados. O uso do verbo perder não parece ser por acaso, uma vez que “perder algo” parece denotar que esse algo lhe era pertencente e inato. Esta característica inata aos escravos seria, como mencionado, o vício da embriaguez e a tentação de furtar. Por ser algo inato, parece-lhes “natural”. Lembremo-nos da definição de “natural”, aquilo que é próprio da natureza. Dessa forma, percebemos características descritas como “naturais” dos escravos, quando, na verdade, seriam instrumentos de dominação utilizados pela instância vigente de poder. É bom lembrar sobre o que Arendt (2004) nos traz acerca de legitimidade do poder. Conforme Arendt (2004):

O poder é originado sempre que um grupo de pessoas se reúne e age de comum acordo, porém a sua legitimidade deriva da reunião inicial e não de qualquer ação que possa se seguir. A legitimidade, quando desafiada, baseia-se em um apelo ao passado, enquanto a justificativa diz respeito a um fim que se encontra no futuro (ARENDR, 2004, p. 32-33).

Em outras palavras, era preciso legitimar esses aparelhos de alguma forma. Para isto, utilizavam-se de justificativas descabidas, como se fosse da natureza dos escravos serem daquela forma: o vício de se embriagar e a ‘tentação’ de furtar. Se é natural deles, assiste à sociedade tratá-los por meio de instrumentos, visto que isto só favorece à instituição vigente de poder, a qual, neste caso, seriam os senhores e proprietários de terras. É importante observarmos os meios que as instituições vigentes de poder se utilizam para justificar ações que só lhes beneficiam.

Ainda se tratando desta ideia de o que é “natural”, há um momento no conto em que a personagem Cândido Neves amarra os pulsos de Arminda e a arrasta pela rua. Verificamos isto no trecho a seguir:

A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário [...] Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoutes, – cousa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoutes. (ASSIS, 1904, p. 10)

Observamos que, embora Arminda esteja grávida e sendo arrastada, gemendo, pela rua, ela ainda era uma mulher escravizada. Ainda que gritasse, ninguém iria ajudá-la. É interessante este excerto “Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia” (ASSIS, 1904, p. 10), uma vez que verificamos a ideia do “naturalmente”. Seria natural e comum não acudir uma escravizada que pede socorro. É fato que ela sofre uma violência física, mas é importante atentarmos à violência simbólica sofrida por ela, quando parece ser invisível ao olhar dos outros. De acordo com Bourdieu (2012), a violência simbólica:

[...] se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural (BOURDIEU, 2012, p. 47).

Dessa maneira, nessa ideia de que é natural não ajudar alguém que pede ajuda, no conto, verificamos que a atual conjuntura vigente de poder permite que Arminda seja invisível e que todos achem isso natural. Conforme Han (2017), esta invisibilidade conferida à Arminda estabiliza uma ordem de domínio. Não se questiona, porque é

natural, mas não deixa de ser uma tamanha violência patriarcal. Isso porque o senhor das terras não era somente dono de terras, mas também tinha o poder e o domínio sobre os corpos das pessoas escravizadas.

Por fim, destacamos, ainda, no conto, o seguinte trecho: “O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor.” (ASSIS, 1901, p. 11). É interessante que lembremos o que foi posto como da natureza dos escravos: vícios e furtos. Não lhes é natural sentimentos. Por outro lado, Cândido é caracterizado pela sua fúria natural de amor pelo filho. Na próxima seção, discutiremos sobre a microfísica da violência no conto.

### **A Microfísica da violência**

Como bem mencionado anteriormente “Sobre *poder e violência*”, Han (2017) nos traz o que seria a microfísica da violência a qual se justifica por meio do “poder disciplinar”. De acordo com Han (2017), esse “poder”:

Não é um poder de morte do soberano, mas um poder de vida, cuja ‘função suprema já não é matar, mas a plena e total imposição da vida’. O velho poderio da morte, no qual se manifestava a soberania, deu lugar à ‘cuidadosa administração dos corpos’ [...] Em vez de martirizá-lo, o poder disciplinar insere o corpo em sistema de ordens e proibições (HAN, 2017, p. 92).

Dessa maneira, esse “poder” diz respeito ao poder de ter domínio sobre a vida do outro. Nesta seção, observaremos como esse “poder” se manifesta em “Pai contra Mãe”.

De acordo com Han (2017), esse “poder” busca se justificar. Observemos, por exemplo, este trecho do conto: “Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel.” (ASSIS, 1904, p. 1). Nele, observamos que haveria uma razão para o uso da máscara de folha-de-flandres: manter a ordem social e humana, ainda que seja com algo considerado grotesco. Podemos observar, dessa forma, a ironia que é comum nos textos de Machado de Assis. O autor se utiliza da ironia para criticar o uso da máscara, justificado pela sociedade para se manter a ordem social e humana. Gomes (2021) trata desta ideia de os castigos serem justificados por conta de um caráter pedagógico. Segundo o referido autor:

No imaginário escravista, o castigo, além do seu caráter educativo e pedagógico, era também uma maneira de disciplinar e organizar a força de trabalho cativa. Para isso, o senhor não perdia de vista que o escravo era um ativo econômico, uma máquina produtiva que não poderia ser perdida ou desperdiçada inutilmente. Matar um escravo numa sessão de açoite significaria uma perda considerável de investimento (GOMES, 2021, p. 302).

Nesse excerto, podemos verificar o quanto os escravos foram desumanizados, uma vez que eram vistos como máquinas produtivas, como é descrito. Vemos, ainda, a ideia de que perder um escravo seria perder dinheiro. Isso visualizamos no conto também no excerto a seguir: “Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói.” (ASSIS, 1904, p. 2). Moderar a ação seria, portanto, controlar a violência física, porque escravos seriam sinônimo de dinheiro. É bom lembrar que toda essa desumanização segue respaldada e justificada por meio do “poder disciplinar”.

Outrossim, vale mencionar que esta dominação entre senhor e escravos precisa não só ser justificada como também legitimada. Conforme Arendt (2004), o domínio do senhor sobre os escravos não era porque eles tinham instrumentos de dominação, mas sim porque este domínio era legitimado pela sociedade. De acordo com a autora: “Homens isolados sem outros que os apoiem nunca têm poder suficiente para fazer uso da violência de maneira bem-sucedida.” (ARENDR, 2004, p. 32). Em outras palavras, havia um sistema escravocrata que permitia essa violência e legitimava estes senhores.

Ademais, observemos a justificativa utilizada para a violência aos escravos: era preciso pôr ordem à desordem social e humana. Conforme sugere o trecho a seguir do conto:

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem (ASSIS, 1904, p. 2).

Nesse trecho, mais uma vez, temos a ideia de se manter a ordem através de instrumentos de violência. Assim, capturar escravos que fugiram teria uma “nobreza” implícita, pois é como se fosse reestabelecer a desordem social, com um bem à sociedade, ou melhor, à instituição de poder vigente. Isso pressupõe uma justificativa para usar da violência. A desordem social, portanto, desafiaria a classe dominante dos

senhores e, por isso, eles precisam se utilizar dela para justificar seus atos violentos. Aqui, é válido lembrar de Arendt (2004):

A violência é, por sua própria natureza, instrumental; como todos os meios, está sempre à procura de orientação e de justificativas pelo fim que busca. E aquilo que necessita de justificar-se através de algo mais não pode ser a essência de coisa alguma (ARENDR, 2004, p. 32).

Diante disso, a “violência” seria algo instrumental, no sentido de procurar justificativas para seus fins. Essa violência seria utilizada a fim de manter a ordem social vigente: daqueles que circulam com o “poder” sobre os corpos escravizados. Na seção a seguir, trataremos mais sobre esta questão do “poder”, principalmente das relações de poder entre as personagens principais.

### **Quem pode mais no conto em estudo: o pai ou a mãe?**

Nesta seção, trataremos das relações de poder estabelecidas entre as personagens principais Cândido Neves e Arminda. É bom lembrar que, para Foucault (1979), o “poder” é algo que circula entre as pessoas por meio de suas relações. Segundo Arendt (2004), o “poder” não pertence a um indivíduo, mas a um grupo de pessoas que, no momento, está investido de poder.

Dessa forma, pretendemos mostrar que, apesar de sua atual situação financeira precária, Cândido, por ser um homem livre e branco, poderia ter maiores chances de permanecer com seu filho. Como ele bem diz ao final do conto: “Nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 1904, p. 11). Nesse sentido, ele estava investido da possibilidade de ter seu filho. Um pai investido de poder e possibilidades contra uma mãe sem possibilidade alguma. Assim, a vida do filho de Cândido se sobressai à morte do filho de Arminda, que nem teve o poder – a oportunidade – de desenvolver sua própria vida.

É importante nos atentarmos, ainda, ao trecho que se segue, uma fala de Cândido: “Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?” (ASSIS, 1906, p. 10). Nesse excerto, notamos o seguinte: Cândido tem o poder, a possibilidade de entregar o filho, caso não conseguisse dinheiro para se sustentar. É válido lembrar que, desde o intuito de ter um filho, ele já não tinha condições de sustentá-lo e, ainda assim, teve-o. Por outro lado, Arminda não teria a possibilidade de ter um filho, muito menos de optar por doá-lo, em vista de sua situação de mulher escravizada. Ela tem culpa, é responsável

por isso. Ele não teria, na visão dele, por causa das circunstâncias com as quais ele lidava no momento.

Além disso, de acordo com Han (2017), o “poder” possibilita que estruturas firmes continuem consolidadas, isto é, mantém-se, então, a ordem vigente. Observemos o trecho a seguir do conto:

Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.  
– Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração (ASSIS, 1904, p. 11).

No fragmento acima, podemos observar que Tia Mônica critica Arminda por causa do aborto e da fuga, ilustrado em “algumas palavras duras contra a escrava” (ASSIS, 1904, p. 11). Isso nos mostra que a crítica recaiu sobre Arminda por ter abortado e fugido, como se a personagem tivesse optado por isso, quando, na verdade, essa não tinha a opção de escolha, já que não detinha o “poder”.

Destaquemos, além disso, a ideia de que Cândido abençoava a fuga de Arminda, ilustrada em “Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava o aborto” (ASSIS, 1994, p. 11). É importante observar o uso da palavra “abençoar” que denota um sentido religioso, o que nos leva a crer que, até Cândido tivesse o poder de ter a benção, segundo o aspecto religioso, enquanto Arminda não teria esse poder. Em outras palavras, poder e possibilidade, aspectos relacionados, já que quem tem poder tem possibilidades, se entrelaçam e influenciam também no âmbito religioso. Usa-se isso para justificar a violência, já que Cândido pouco se importou com o aborto.

Além disso, vale considerarmos o contraponto estabelecido entre o significado dos nomes das personagens Cândido e Arminda. De acordo com o dicionário Aulete Digital (2023), Cândido se refere “ao que é muito branco, que não tem culpa, malícia, nem pensamentos ou sentimentos maus”. Por outro lado, consoante o dicionário de nomes próprios (2023), Arminda, nome de origem germânica, significa “mulher do exército” e “a que possui armas”. A escolha pelos nomes das personagens parece não ser por acaso: caracterizado por não ter malícia, Cândido demonstra o contrário; enquanto Arminda, caracterizada por possuir armas, tem tudo menos armas para se defender.

É importante observarmos a escolha pela simbologia dos nomes que parece ser também uma crítica social que contrasta um pai Cândido, branco, “ingênuo” contra uma mulher negra escravizada, “que possui armas”. As características de seus nomes são opostas às suas atitudes e condições de poder.

Vale lembrar, como foi mencionado na seção anterior, que Cândido tinha uma “nobreza implícita”, tal qual nos disse o narrador, uma vez que ele estava reestabelecendo a ordem social ao levar uma escravizada fugida ao senhor. Dessa maneira, quando ele diz que nem todas as crianças vingam é porque certas crianças pertencem a grupos dotados de poder e, por isso, teriam êxito, ou pelo menos teriam a oportunidade da vida, como acontece no conto.

### **Considerações finais**

Com este artigo, pretendemos iniciar as discussões a respeito de “poder” e “violência” no conto “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis. Para isto, fizemos uma análise do conto a partir de três objetivos específicos.

Observamos que esses objetivos foram alcançados. Percebemos a diferença do “natural” para algo que é “naturalizado”. Além disso, observamos que o dito “natural” é para justificar a violência contra escravos e manter o “poder” nas mãos dos proprietários de terra. Aos escravos, seria natural beber e furtar e, seguindo a mentalidade de justificar instrumentos de violência, era preciso discipliná-los de alguma forma. Destacamos também a “violência” não só física, mas também simbólica sofrida pela personagem Arminda a qual, mesmo vítima, ainda é culpada e invisibilizada por ser escravizada.

Nessa ideia de discipliná-los, conseguimos verificar a microfísica da violência e do poder no conto. Isso porque o poder disciplinar é caracterizado por ter domínio sobre a vida de alguém. Os senhores tinham domínio sobre a vida dos escravos, podendo castigá-los e torná-los moedas. Essa dominação, é claro, mostrou-se legitimada pela sociedade para que não se perturbe o *status quo*.

Enfim, observamos uma relação de poder entre Cândido e Arminda. Um pai contra uma mãe que se diferem por uma razão: um tem o poder e o direito de ter seu filho vivo e a outra não tem poder, nem direito algum. Como Cândido diz que nem todas

as crianças vingam, realmente nem todas as crianças possuem a possibilidade – no sentido de poder ser – da vida.

Diante disso, pretendemos auxiliar nas discussões a respeito da análise do conto “Pai contra mãe”, por meio de uma perspectiva do “poder” e da “violência”. Dessa forma, o trabalho se mostra importante para essas discussões.

## Referências

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Disponível em: WWW.SABOTAGEM.REVOLT.ORG. Acesso em: 10/02/2023.

AULETE digital. **Definição de natural**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/natural>. Acesso em: 15/11/2023.

AULETE digital. **Definição de cândido**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/c%C3%A2ndido>. Acesso em: 15/11/2023.

ASSIS, Machado de. **Pai contra Mãe**. A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-49981/pai-contramae>. Acesso em: 10/02/2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. **Significado do Nome Arminda**. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/arminda/>. Acesso em: 15/11/2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Sabotagem. Disponível em: [https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A\\_Microfisica\\_do\\_Poder\\_-\\_Michel\\_Foucault.pdf](https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foucault.pdf). Acesso em: 10/02/2023.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil**, volume II. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

Submetido em 30 de setembro de 2023.

Aceito em 18 de novembro de 2023.